

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
7.º ANNO	
Braga, 12 mezes.	1\$600
Correspondencias partic. cada linha	850
Anuncios cada linha.	40
Repetição	20
	10

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
sendo duas assignaturas	1\$050
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 954

BRAGA

QUINTA-FEIRA 5 DE JULHO DE 1879

Ao meu illustrado amigo, o Exm.º Sr. José de Freitas d'Amorim Barbosa.

Se no meu dictionario commetto algum erro involuntario (felizmente até agora de pequena monta) quando curo por informações, não se deu este caso com a breve e IMPARCIALÍSSIMA biographia do sempiterno turbulento Saldanha, o *Gari-baldi portuguez*.

Se o meu nobre amigo quizesse, com animo despreocupado, accusar o tal meu artigo biographico, seria por ter eu occultado muitas mazellas da vida d'aquelle homem, mais notavel pela sua pluralidade de phisionomias, do que pelas suas fanchas militares.

Louvo todavia a nobreza de caracter do Sr. Amorim Barbosa, mostrando a sua gratidão por aquelle que foi por tantos annos seu chefe e seu amigo; mas esse louvavel sentimento—hoje tão raro!—não lhe impõe o dever de negar factos historicos contemporaneos e evidenti-simos.

Adorne o seu *feliche* com quantas virtudes possa imaginar, mas deixe os mais escreverem a historia como ella é, e não como o meu amigo queria que fosse.

Todos os homens de boa fé, qualquer que seja a sua opinião politica, devem confessar que eu, quando no *Portugal Antigo e Moderno*, conto, em rápidos traços, a vida d'um inimigo da legitimidade, o faço sempre sem insultos, e com a maxima circumspecção e imparcialidade, para que o publico me não deite á conta de rancor politico, o que não é mais do que verdade, notoria e provada.

Saldanha foi meu incarnado inimigo politico por espaço de VINTE e CINCO ANNOS (1826 a 1851) e nem porisso deixei de o tratar com muita benevolencia, e de lhe fazer elogios, quando os mereceu; nem de alludir á sua bravura incontestavel—ainda que quasi sempre mal entendida, pois a empregou contra portuguezes.

Vamos aos pontos controvertidos pelo meu nobre amigo. Não guardo n'esta resposta a ordem chronologica dos factos, porque S. Exc.ª também a não guardou;

vou respondendo ao seu artigo, pela ordem que seguiu.

1.º—Tenho na mais alta consideração o sr. Amorim Barbosa; mas dedico o maior respeito ao meu esclarecido amigo o Exm.º sr. J. L. Carreira de Mello, cuja *Historia Chronologica*, escripta com tanta verdade, rectidão e imparcialidade, tenho seguido sempre no meu dictionario. Pois veja o meu illustrado impugnador o que diz aquelle distincto escriptor, a paginas 431, da 2.ª edição da sua obra; depois venha dizer-me quem errou, se S. Exc.ª se o sr. Carreira de Mello.

E mais—então onde foi prisioneiro dos cabralistas, o conde de Bomfim, se não foi em Torres Vedras? Onde estava elle em 23 de setembro de 1846?—Desejo bastante que o meu amigo me tire d'estas duvidas.

Saltemos agora para traz quasi 13 annos.

2.º—Nega S. Exc.ª que os liberaes tivessem na batalha d'Almoster *grande numero de officiaes mortos*? De duas uma—ou os nossos tiros eram de *polvora seca*, ou os officiaes do Saldanha estavam no quartel da saude. Escolha.

Ora olhe—eu n'esse dia era alferes do regimento de caçadores da Beira-Baixa (n.º 8) e assisti na acção desde a madrugada até ao sol pôsto. Não encobri a perda dos meus, e queria V. Exc.ª que encobrisse a dos contrarios?—Eu vi na minha frente, varios corpos do Saldanha, que se batiam como leões, e os realistas não lhe ficaram a dever nada em bravura. As nossas ballas não levavam sobre-scripto, que dissesse—*para as praças de prel*—Os officiaes do Saldanha sustentavam os seus logares nas fileiras inimigas, e não traziam *couracas*: como é então que as nossas ballas só atingiam os coroneis e os soldados?—Os liberaes ficaram tão *estafados*, e soffreram tão grandes perdas, que nos deixaram retirar pacificamente em boa ordem, para as nossas posições, sem se lembrarem de nos incom-dar.

Aqui não curei por informações, contei o que vi, e nunca falto á verdade (por mais desagradavel que ella seja para os meus) quando relato os acontecimentos de que fui testemunha.

3.º—Não assisti á tomada (isto é—á entrada) de Leiria por Saldanha, em 15

de janeiro de 1834; mas quer vêr o que diz o Sr. Carreira de Mello, a pag. 352 da sua citada obra?—E' isto—

«A cavallaria de Saldanha não deu quartel. Esta acção da tomada de Leiria, foi uma das que mais destruíram a guerra civil da successão.»

N'esta mesma pagina ha tres notas com respeito a este facto—eil-as—

3.ª—A guarnição não chegava a 2.000 homens, quasi todos milicianos e voluntarios realistas, com um esquadrão do regimento de cavallaria n.º 1. Retirou sobre a estrada dos Machados, sendo logo feito prisioneiro Osorio (o commandante) com muitos officiaes e soldados.»

4.ª—Os fugitivos eram immolados a um furor de barbaros. Quizeram aqui *aproximar-se das atrocidades praticadas pelos christinos, na Navarra e Vascongadas.*

«E' notavel que o tão humanitario marechal Saldanha, diga no seu officio ao ministro da guerra, que se vangloria de que todo o seu estado-maior tivesse tido a HONRA DE TINGIR AS SUAS ESPADAS NO SANGUE DE PORTUGUEZES, que tinham o crime, como elles, de pensar diversamente.»

5.ª—Sobretudo, o que mais escandaloso se tornou, foi o MANDAR FUZILAR O CORREGEDOR, HOMEM HONRADÍSSIMO, que por querer salvar o cofre, foi apanhado. (Nota do sr. general Lemos.)

Aqui tem como correram as cousas n'esse dia de tristissima memoria.

Já vê que aquillo a que S. Exc.ª chama (aqui para nós, pouco delicadamente....) *refinada calumnia*, não é mais que uma verdade nua e crua: e também vê que eu no dictionario ainda não contei tudo.

4.º—Perdão: eu não disse que o *Campo do Quadro* era na então villa de Santarem—disse «no campo do Quadro (Santarem)» o que muda de figura; pois não

póde negar que o campo do Quadro é no districto de Santarem.

Não quero *atracar* o «*Commercio do Minho*» com esta resposta, e se o Sr. Amorim Barbosa se quer desenganar, e ficar sciente de que eu disse a verdade e só a verdade, leia a citada *Historia Chronologica*, na pag. 202, logo no 1.º periodo—que diz—«*Algumas tropas e os generaes Sepulveda e Saldanha, se reunem ao Sr. Infante, em Santarem.*» E na 3.ª nota allusiva a este periodo, diz o general Lemos—«*se apresentou (Saldanha) com Thomaz d'Avis Mascarenhas, no Campo do Quadro, ao Sr. D. Miguel, a quem este Senhor abraçou cordealmente, e, depois de correr para elles, logo que os viu; sendo-lhe depois tão adversarios estes dois fidalgos!!!*»

V. Exc.ª não viu senão Sepulveda?—Tambem não tinha obrigação de os ver todos (nem perdeu muito com isso!...)

Termina o meu amigo por dizer que Saldanha NÃO SABIA MENTIR!... *Hom'essa!* (Desculpe esta phrase chula, mas a cousa não merece outra resposta.) Pois haveria homem mais mentiroso? Mentiu a todos os seus juramentos; mentiu á Sr.ª D. Maria da Gloria; mentiu a todos os que se fiaram n'elle, etc. etc.—e tudo isto por muitas vezes, pelo que foi cruelmente, e também por muitas vezes, agredido pelos seus proprios.

Olhe, Sr. Amorim Barbosa; não sei quando o Sr. Carreira de Mello publicou a 1.ª edição da sua *Historia Chronologica*: a 2.ª, foi publicada em 1866 (dez annos antes da morte do Saldanha, que foi em Londres, a 21 de novembro de 1876) e nem Saldanha, por si, ou por procurador, nem um só dos seus amigos—senão agora V. Exc.ª—se lembraram de desmentir aquelle esclarecido escriptor, cujas obras foram approvadas pelo antigo *Conselho Superior de Instrução Publica*, e pelo actual *Conselho Geral de Instrução Publica*. E actualmente passaram em julgado.

Um sobrinho do marechal Saldanha (o eminente escriptor, o Exm.º Sr. D. Antonio da Costa e Souza de Macêdo) anda a publicar a historia de seu tio. Não lhe deve ser desfavoravel, visto que é da familia; mas, se V. Exc.ª achar poucos os elogios alli dirigidos ao seu idolo, póde escrever outra historia do sobredito cujo;

FOLHETIM

PORTUGAL E OS NOSSOS FIEIS ALLIADOS, OS INGLEZES.

(Extr. do opusculo *Homenagem ao distincto explorador d'Africa*, SERPA PINTO; por Carlos Faria, e Mello Freitas).

Os portuguezes deixaram por todos os trilhos e desvios da Africa os vestigios da sua passagem, e embora nos disputem dia a dia e palmo a palmo a extraordinaria bizzaria dos nossos feitos, mais alto do que á inveja falla a historia imparcial.

Se alguma vez adormecemos depois das rijas batalhas da restauração, não era medo, mas cansaço, o que nos prostrava no marasmo.

No tempo dos nossos guerreiros D. Francisco de Almeida, saltando em terra de catres para castigar a insolencia do gentio, exclamou presagioso: «aonde me levam os meus sessenta annos?» Respondeu-lhe uma azagaia que o derrubou.

Quem se atreverá porém a dizer que aquelle homem tremera?

Um simples momento e uma unica phrase de hesitação não caracteriza um individuo, assim como de modo nenhum caracteriza um povo.

Livingstone em novembro de 1871, agradecendo ao «*New-York Herald*» o ter enviado Stanley em sua procura, escreveu de Ujiji:

«Estes bellos paizes (cabeceras do Zambéze) estão feridos de maldição com o unico fim de que se não toque no privilegio do commercio dos escravos que possui o pequeno sultão de Zanzibar, e de que os direitos da corôa de Portugal que passaram ao estado de mytho, subsistam theoreticamente até ao dia em que a Africa se torne uma nova India para os negreiros portuguezes.»

Young, tenente da marinha ingleza, que perto de Nyanza fundou a estação de Livingstonia, depois de uma excursão de 2 annos fallou ainda na colonia do Cabo com o maior desafago contra o dominio

portuguez, attribuindo-nos exclusivamente o perdido commercio da escravatura.

Mas, snrs. philanthropos, esqueceis que Portugal foi o primeiro estado que aboliu a escravatura nas suas colonias?

Esqueceis que D. José decretou em 1773 a abolição da escravatura nas ilhas dos Açores e Madeira? Esqueceis que não é Portugal quem todos os annos introduz na China o execravel contrabando do opio, que segundo os editos d'aquelle imperio, vae envenenar annualmente milhões de pessoas?

A escravatura faz-se contra nossa vontade no centro e no littoral da Africa; as nossas auctoridades não protegem porém um commercio vil como o do opio, e se as metropoles fossem culpadas de todos os factos de miseria, tristeza e vergonha que se dão nas colonias, a Grã-Bretanha seria a unica responsavel pela morte de milhares e milhares de indios a quem a fome victimia todos os annos na provincia de Bengala.

Fallem claro. A Inglaterra agradam-lhe sobretudo as nossas possessões.

Em 1871 levantou-se no atlantico, em frente dos Açores, um ilheu quasi circular de um quarto de legua de periphéria e 40 a 50 braços de altura. Uma fragata ingleza que por alli pairava, tratou logo de haster a bandeira da sua nação sobre a lava resfriada, mas a mesma expansão vulcanica que a trouxera ao lume da agua a desfez e se encarregou de a sorver entre rolos de fumo e ondas acinzentadas, estrangulando a ambicao cheia de rivalidades.

Os nossos aliados não desperdicam, e bem se vê, a occasião de se espreguiçarem junto dos nossos territorios, não se forrando no prazer de nos deprimirem nos convívios litterarios e documentos publicos, sempre que podem.

Na occupação ephemera d'aquelle ilheu está o melhor symbolo da politica espoliadora e adunca da Inglaterra.

Os inglezes pensam infatigavel e systematicamente em nos expulsarem dos nossos dominios na Africa.

O general Grant, por sentença de 21 de abril de 1870, e o marechal de Mac-

não lhe esquecendo os gloriosissimos factos seguintes—

1.^o—A sua amizade ao Sr. D. Miguel I, e o seu acrisolado realismo durante a guerra da poeira, e a facilidade com que mudou de opinião, apenas viu que, com a Sr.^a D. Isabel Maria, podia muito bem ser um rei pequeno; o que certamente se não daria com o Sr. D. Miguel.

E, na verdade, durante a regencia d'aquella Senhora, reinou e governou, merecendo do publico a denominação de D. João VII.

2.^o—O acto eminentemente curioso de metter os realistas do Porto (1828) em um navio velho e rôto, fechando-os no porão, e mandando pregar-lhe as escotilhas, para que elles morressem (mas não á sede)—o que lhes aconteceria, se a tripulação de um navio inglez os não salvasse, já no alto mar.

3.^o—Illudir com promessas falazes, varias tropas e muitos paizanos, para se revoltarem contra o seu legitimo rei; e assim que viu o caso mal parado, abandonar cobardemente os que se tinham fiado na sua palavra honrada, e fugir para a Inglaterra, deixando os seus soldados expostos ao castigo, pelo crime de traição (1828.)

O sr. Amorim Barbosa, entende na sua consciencia que isto foi um acto proprio de um brioso militar portuguez? Pois este seu creado, classifica-o de indigno até do mais reles soldado.

4.^o—Fez a mesma gracinha, na Beira, em 1851, ao batalhão de caçadores n.^o 1. e a alguma cavallaria que havia enganado (o homem que nunca mentiu) fugindo para a Galliza, pelo que mereceu—mesmo dos seus—o cognome de *horoe de Lobios*.

Estas quatro flores, e outras mais, de muita formosura, deve o meu amigo collocar-as na coroa civica da sua divindade, e não-de ficar-lhe a matar!

Escreva, meu bom amigo, escreva a historia do seu idolo, e ponha-o uns poucos de furos acima das estrellas; que não serei eu que lhe vá á mão. Não vale a pena.

Termino este artigo, longo e maçador, protestando ao sr. Amorim Barbosa a mais sincera amizade e a gratidão mais indelevel.

Lá por S. Exc.^a gostar do Saldanha, e eu embirrar solemnemente com elle, não é caso de ficarmos inimigos.

Vá-lhe fazendo quantos elogios quizer, que eu não me embaraço com isso; mas deixe-me dizer a verdade, contra, ou a favor, de gregos e trojanos.

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal.

CHRONICA ESTRANGEIRA

A recente morte do principe Napoleão, occorrida na guerra ingleza na Zulandia, occupa ainda muito a imprensa estrangeira.

E' opinião muito geral que este acontecimento será a morte do partido bonapartista.

Parece que pretendêrã apresentar-se como herdeiro dos suppostos direitos á coroa

imperial, o principe Napoleão, filho de Jernymy, e casado com a princeza Clotilde, filha do finado Victor Manoel. Assim o indica a sua vinda para Paris, logo que a França chegou noticia da morte de seu primo. E' certo, porém, que elle pelo seu character antipathico e nota de cobardia, defeito indesculpavel aos olhos d'um francez, nenhuma sympathias gosa entre aquelle partido.

Alguns imperialistas celebraram ha dias em Paris uma reunião, mas nada decidiram sobre a questão hereditaria.

Discorrendo sobre este assumpto, um grande jornalista francez recorda a seguinte anedocta de tempo do imperio:

Por occasião do attentado de 14 de janeiro de 1848, quando se espalhou em Lyão o boato da morte do imperador, o velho marechal Castellane, governador da cidade, assistia a uma reunião familiar. O marechal reuniu logo os seus officiaes, e fallou-lhes assim: «O que será agora da França? O imperador acaba de ser morto; elle não deixa senão um filho de tres annos, sob a tutela d'uma mulher inexperiente. E' minha opinião que só ha um unico meio de salvação: chamar o conde de Chambord e assental-o sobre o throno de Napoleão III». Este conselho foi unanimemente applaudido, e o marechal telegraphou a sua resolução ao ministerio. Pode imaginar-se a commoção que um tal despacho excitou. O imperador teve a prudencia de não olhar a cousa pelo lado tragico, e disse aos seus ministros: «O marechal de Castellane ama o seu paiz, eu prohibo que o inquietem». E o velho marechal morreu governador de Lyon.

O alludido jornalista conclue:

Não estará aqui uma indicação para a presente conjuntura? Nós cremos que, pela mesma força das coisas, ella será seguida.

Restam em frente uma da outra a monarchia e a republica: se apraz á republica despedaçar-se por suas proprias mãos a França não deverá por isso percer; é na união dos bons cidadãos que ella achará a sua salvação, e só um homem resta neste momento, fóra da republica, em torno do qual se possam agrupar os bons cidadãos.

—Acerca da recente conducta de Bismark diz um correspondente de Berlim:

A evolução politica de Bismark continua sendo o grande acontecimento do dia. A entrada d'uma facção dos liberaes nacionaes nas fileiras da opposição e a passagem do centro á maioria, a demissão do presidente e do vice-presidente do reichstag, liberaes conservadores ambos, deixando o posto a um conservador e a um catholico; a voz que insistentemente corre ha oito dias da demissão imminente do ministro dos cultos, Falk, auctor das leis de maio, são factos caracteristicos que assignalam a inauguração d'uma nova politica interna por parte do chanceller. O partido nacional liberal está profundamente desalentado e prevê que o accordo do principe de Bismark durará pouco tempo, principalmente no caso de se restabelecer a paz entre a Igreja e o governo.

—Aos anteriores attentados dos infernaes nihilistas da Russia temos a acrescentar agora os incendios. Além do de Orenburgo, e do de Irbit, que foi quasi

inteiramente consumida pelas chammas, muitos outros teem rebentado.

Segundo o «Tagblatt» de Vienna, cidades, villas, e aldeias, são diariamente presas das chammas.

Em muitas localidades fixam manifestos que advertem á povoação do dia e hora precisas em que começará o fogo. O governo suprime todos os despachos relativos a estes incendios.

Os nihilistas tambem recorrem ao veneno. Lê-se uma correspondencia de S. Petersburgo: São horribes os meios de que os nihilistas se servem afim de atrair as suas victimas. Um joven official chamado Dj..., filho d'um logar-tenente general, encontrou a tomar chá em sua casa. Aquelle aceitou; encontrando na reunião muitos jovens e algumas damas. Tomou o chá; porém como a conversação d'aquella gente o desgostava pelas phrases subversivas que devia escutar, pediu para retirar se. Então dois homens se dirigiram a elle, arrancaram-lhe o sabre, e apontando-lhe ao peito um revolver fizeram-no jurar que se callaria. Voltou a casa; porém recordando-se do juramento, e sentindo remorsos, perguntou ao capellão do seu regimento se aquelle era valido. O sacerdote aconselhou-o a que revelasse tudo ao seu chefe, e no dia seguinte foram presos todos os indicados.

No mesmo dia Dj... recebeu uma carta dizendo-lhe que se preparasse para morrer no dia 17 de março. Nesse dia foi a sua casa cercada pela policia, não tendo ali podido entrar ninguem; porém pela noite foi encontrado cadáver.

Milhares de nihilistas são deportados para a Siberia. Entre os condemnados figuram senhoras d'alta posição.

—E' provavel que se possa chegar a uma intelligencia no assumpto das fronteiras gregas

Em Janina accumulam-se elementos formidaveis de guerra, tendo já concentrado n'aquelle ponto as tropas da Thessalia e do Epyro. A Russia aconselha a resistencia, e intriga para que se não chegue a um accordo. Está imminente a formação d'um novo ministerio presidido por Mamud, chefe do partido russofilo.

O embaixador francez Fournier celebrou uma importante conferencia com o sultão, na qual se expõe, d'um modo energico e decidido os graves inconvenientes que podem sobrevir, no caso de ficar resolvida a questão grega em breve prazo, e com relação ao tratado de Berlim.

GAZETILHA

Chronica religiosa —Hoje:—Exposição do Santissimo na igreja do Carmo. Amanhã, 4:—Exposição do Santissimo na igreja das Thezasas.

Associação Catholica.—Domingo 6: pratica do director espiritual ás 10 horas da manhã na igreja do Populo.

Distribuição dos premios ás creanças da doutrina, e encerramento da catechese. Catechese popular na igreja de S. Marcos, ás quatro e meia da tarde.

Começam as lições sobre os Sacramentos.

Partida.—Hontem de manhã partiram para Guimarães os exc.^{mos} snrs. conde e condessa da Redinha.

A nós não nos domina o interesse; domina-nos o coração.

Portugal, possuindo uberrimos terrenos que não foram conquistados ao oceano como os Hollanda, e que não tem a aspereza e rebeldia de tracto dos da Suissa, occupa uma area tres vezes maior que aquelles estados, e mantém colonias que medem vinte vezes a metropole.

Se é certo que nos falta população no Alemtejo, tambem é innegavel que o Brazil atrai a melhor parte dos nossos compatriotas. Com estes poderiam coloniar com prospero e avultado proveito.

Não se busque pois na fraqueza do nosso sangue, nem na barbarie do nosso genio, a causa da pobreza e estacionamento das nossas vastas possessões.

A travessia da Africa, levada a cabo pela perseverança infatigavel e coragem heroica do major Serpa Pinto, é o protesto mais eloquente da nossa vitalidade e o desmentido formal dos que por acinte nos rebaixavam, dizendo que eramos incapazes de grandes commettimentos, e que

S. exc.^{as} vão alli visitar os seus nobres parentes, os exc.^{mos} viscondes de Lindoso, e tencionam regressar a esta cidade no proximo sabbado.

Os nossos nobilissimos hospedes teem sido aqui visitados por muitas senhoras d'alta distincção e por numerosos cavalleiros, tanto d'esta cidade como das vizinhanças.

Basar.—O basar de prendas promovido pela commissão encarregada da construção da capella de S. Victor-o-Velho continua no proximo domingo, 6 do corrente no centro do jardim de Sant'Anna, ás mesmas horas em que principiou domingo proximo passado.

E' de esperar da religiosidade dos bracarenses que coadjuvem com a sua concorrência ao basar uma obra tam meritoria, e tão urgente para as necessidades espirituas d'uma grande parte da freguezia de S. Victor.

Nova Meza.—Na eleição a que se procedeu da nova Meza da irmandade de Nossa Senhora das Dóres, da-egreja dos Congregados, ficaram eleitos os snrs:

Juiz—Bento Miguel Leite Pereira.
Vedor—Francisco de Campos de Castro d'Azevedo Soares.

Ex-vedor—Dr. José Alves de Moura.
Secretario—Joaquim Eduardo de Souza Menezes.

Cartorario—Manoel Bernadino da Cunha e Silva.

Thesoureiro da irmandade—José Joaquim d'Oliveira.

Thesoureiro da devoção—José Francisco d'Araujo Guimarães.

Mordomos—Manoel José Barbosa de Brito e José Pinto de Lima.

Zeladores—José Ferreira de Carvalho, Francisco Gomes Pacheco e Antonio Anacleto Araujo.

Outra—Procedeu-se no sabbado á eleição da Meza que tem de administrar as irmandades de S. Pedro e S. Thomaz, erectas na igreja de N. Senhora da Lapa, e ficou composta dos seguintes snrs:

Prior—O revd.^o Antonio Joaquim da Conceição e Silva.

Presidente—Revd.^o José Luciano Gomes da Costa.

Secretario—Revd.^o João Baptista de Aguiar.

Thesoureiro—Revd.^o João Baptista de Aguiar.

Vedor da Fazenda—Revd.^o abbade Gaspar João dos Reis Magalhães.

Ex-vedor—Revd.^o João José Vaz da Costa Amorim.

Vedor das missas—Revd.^o Gabriel Antonio Pinheiro

Ex-thesoureiro—Revd.^o João Nepomoceno Pimenta.

Mordomos—Revd.^{os} Francisco Maria Lopes Pereira Lobo e Francisco da Costa Macedo.

Deputados—Revd.^{os} José Maria Gomes da Costa, Manoel da Costa e Joaquim Antonio de Carvalho.

Encerração.—Na segunda-feira celebrou-se a encerração do Mez Eucharistico, na capella do convento de S. Theresa. Teve no domingo de tarde vespersas solemnes a instrumental, e na segunda-feira houve communhão geral, na qual orou o revd.^o João Manoel Teixeira, ás 11 horas missa solemne, e de tarde sermão, *Te-Deum* e Benção do Santissimo.

Foi orador o exc.^{mo} sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, um dos ornamen-

em tudo haviamos degenerado dos nossos maiores.

E' por isso que nós, que applaudimos sempre com fervor os grandes feitos, e que prezamos Portugal como sendo a terra que nos deu o berço, saudamos com a commoção da alegria mais profunda, esse homem que já tem o nome ornado com a aureola da immortalidade—o major Serpa Pinto—que provou que as peregrinações dos estranhos terão sempre que estudar nos nossos livros, e que nem a furia do mar, nem a aridez do deserto, nem o rigor do clima, nem os miasmas das paragens paludosas, nem a crueldade dos caminhos, nem a selvageria raivosa do gentio, nem o rugir das feras retardarão nunca os portuguezes, quando a questão é de brio e prende com o que o nosso povo tem de mais caro—a honra,—de mais brilhante—a historia—e de mais grandiloquo e apaixonado—*Camões*.

Mahon pela de 24 de junho de 1875 decidiram a nosso favor as questões que a Inglaterra oppóz aos direitos de Portugal sobre Bolama e Lourenço Marques.

Sujeitamo-nos á arbitragem, correndo o risco da demanda e o perigo de perdemos o que por tantos titulos nos pertencia, como então bem se evidenciou.

Assim como os inglezes se agarraram a Malta e a Hiogoland; assim como se fortificaram em Aden e se empoliraram em Gibraltar; assim como sob a mascara de protecção annexaram o Transwaall, e a pretexto de alliança occuparam Chypre; assim como partindo de uma pequena doação extorquida nas trevas das nossas dificuldades politicas se alastraram na India; assim como todos os dias apagam nas nossas possessões os primeiros nomes geographicos que lhes pozeram os nossos valentes descobridores e os nossos grandes cabos de guerra; assim se dispõem a attribuir-nos a mais perversa indole, atando-nos ao pelourinho; tratando-nos de barbaros e de negreiros, e despejando sobre nós a cornucopia das affrontas, por-

que sabem que não nos podemos vingar e porque apenas nos é licito lavar protestos n'um idioma que a Europa não conhece.

Livingstone, Cameron e Young, que as auctoridades portuguezas protegeram com disvelo na Africa, espalham a todos os ventos que Angola e Moçambique, dois farrapos das nossas antigas glorias, nos devem ser expropriadas por utilidade geral.

A Inglaterra transbordando de população, alija todos os annos centenas de milhares de emigrantes para as suas possessões ultramarinas. Não cabe tanta gente na metropole. A falta de terreno accresce a sua qualidade de nação toda plantada no mar. D'aqui lhe provém uma poderosa marinha e a sua virtude e força colonias.

Os seus emigrantes estabelecem-se no paiz a que se dirigiram e não alimentam, como os nossos, este simples desejo—*vollar á patria*—sentimento sublime que por si prova e elogia a pureza e candura da nossa indole cruamente calumniada

tos da nossa Universidade, o qual pronunciou um discurso brilhantissimo.

Esta tocantissima devoção foi promovida por algumas senhoras e cavalheiros, a quem cabem justissimos louvores.

Igual solemnidade teve lugar nos Remedios e no Salvador.

Santa Maria Magdalena.—A manhã de tarde é procioussamente conduzida para a R. capella da Misericordia, a devota imagem de Santa Maria Magdalena, que n'aquelle templo ficará exposta á veneração dos fieis para obter do Altissimo a continuação do bom tempo, que n'estes ultimos dias tem estado muito inconstante.

Diccionario Popular.—Recebemos e agradecemos os fasciculos 142 e 143 do *Diccionario Popular*, publicado pela empresa editora «Bibliotheca dos Dois Mundos».

Uma obra excellente.—Tal é o livro que com o titulo de *As tres rosas escolhidas*, por Monsenhor Ségur, acaba de ser publicado no Porto pelo sr. José Fructuoso da Fonseca, editor da «Palavra».

Ahi vão alguns paragraphos da prefacção do respeitavel traductor portuguez, o exc.^{mo} sr. conde de Samodães:

«E' um livro todo cheio de unção, sã doutrina e excellentes pensamentos. Tem por si além do nome respeitavel do escriptor, a maxima auctoridade que ha sobre a terra, o Summo Pontífice. Julgou elle que o livro merecia louvores; isto nos basta para que o consideremos bom, util e proficuo.

Ha tres pontos que se tratam aqui, o amor do Papa, o amor da Virgem Maria, o amor do Santissimo Sacramento.

Que santos affectos todos estes, que parecem separados, e não deixando de ser distinctos, são comtudo identicos na doutrina!

Quem ama o Papa, confessa a sua doutrina, e esta é a da Igreja universal, em que se comprehende a veneração á Virgem Mãe de Deus, o respeito, a devoção e a homenagem pelo Santissimo Sacramento.

Quem ama a Santissima Virgem, é verdadeiro e sincero catholico, e como tal respeita o Papa e adora o Santissimo Sacramento.

Quem ama o Santissimo Sacramento, recebe-o em seu peito com frequencia, e auctore n'esse divino manjar infindas graças, que o levam a amar a Virgem Mãe de Deus ahi occulto, e a prestar preitos ao Vigario que elle estabeleceu sobre a terra.

Sempre que temos de fallar sobre livros do grande e inefesso escriptor catholico francez, *Monsenhor de Ségur*, basta-nos apontar este nome.

Na verdade, qual é o catholico de quem elle seja desconhecido?

Limitamos-nos pois a noticiar a publicação d'esta formosissima obra do escriptor mais popular da França, e a tributar ao benemerito traductor os louvores que merece por levar a cabo esta publicação.

Vende-se por 200 reis, na redacção da «Palavra». Um ovo por um real!

O Mensageiro do Coração de Jesus.—Recebemos o caderno 3.^o do tomo VI, correspondente ao mez de junho.

O rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya, que dirige esta piedosa publicação, bem merece de Deus e da sociedade pelos serviços valiosos que com ella está prestando.

Homenagem ao distincto explorador d'Africa, Serpa Pinto.—Recebemos um folheto assim intitulado, escripto pelos srs. Carlos Faria, e Mello Freiras.

Está excellentemente redigido.

E' d'este opusculo que transcrevemos o esplendido trecho que damos em folhetim.

Methodo João de Deus.—A camara de Guimarães vae convidar o sr. João José Alves de Araujo, director do Collegio Academico d'esta cidade, para ir alli fazer algumas conferencias sobre o methodo de leitura do sr. dr. João de Deus.

Inspecção.—A junta de revisão inspecionou na segunda-feira 14 moçoebos, ficando 6 apurados, esperados 2, e isentos 6.

Fallecimento.—Finou-se ha dias na sua casa no concelho de Villa Verde, a sr.^a D. Angelica de Barros e Abreu, unica irmã que ainda vivia do fallecido conde do Casal.

Movimento do Hospital de S. Marcos.—Doentes existentes em 15 de junho: 90 homens e 101 mulheres.

Entraram durante a semana finda: 20 homens e 30 mulheres.

Sahiram: 24 homens e 19 mulheres.

Falleceram: 2 homens e 4 mulheres.

Ficaram em tratamento em 21 de junho 84 homens e 108 mulheres.

Preço dos cereaes.—Na terça-feira ultima, nesta cidade, o preço dos cereaes foi:

Trigo	800
Centeio	480
Cevada	500
Milho alvo	620
Milho branco	540
Milho amarelo	520
Painço	680
Feijão vermelho	740
» branco	760
» amarelo	540
» rajado	420
» fradinho	440
Batatas	560
Azeite (almude)	65000

O hotel da Boa Vista, no Bom Jesus do Monte.—Dos folhetins *Passeios na provincia*, que o nosso collega do «Diario de Noticias», o sr. Eduardo Coelho, anda a publicar n'aquelle jornal, tomamos os seguintes paragraphos:

«Chovia copiosamente quando subiamos a montanha do santuario. Iamos porém n'um bom coupé, alugado em Braga, e dirigido por um habilissimo cocheiro, que no trajo e na «pose» parecia um dos elegantes cocheiros de Londres: chapéu alto de feltro, casaco de *caoutchouc*, luva de camurça, e ar grave e apumado de um *gentleman*. Requisitamol-o para nos conduzir a Guimarães e Villa Nova no dia seguinte.

As suas maneiras, e a sua evidente boa educação explicavam certas circumstancias romanesas, que ao redor d'elle sequejavam os que o conheciam.

—E' filho de um doutor, cursou estudos superiores, exerce um pequeno emprego, e, pela sua grande vocação para a arte de guiar cavallos e conduzir trens, pratica a profissão de cocheiro nas horas vagas. Em Paris este homem era uma celebridade.

Não podia, porém, ser outro o trem, e o cocheiro para o hotel da Boa Vista, que pôde ser cotejado com muitos estabelecimentos de igual natureza no estrangeiro. E' preciso dizer isto, que é verdade, e para que cesse a tradição da anachronica *estalagem* nacional, em geral feia e suja, de ha 25 annos. Ha 25 annos custava a encontrar por essas provincias fóra uma pousada azeitada e comoda; muitas vezes era-se forçado a dormir *à la belle étoile*, no trem, ou coberto debaixo das arvores, ás vezes na cavallaria, e era mimoso regalo e fôfa e excepcional cama a manjadoura. Aqui e alli encontrava-se a *estalagem* posilga, medonha e imunda. A comunicação e a aproximação pelas vias acceleradas, e pelas optimas estradas ordinarias transformou tudo. Agora acham-se muito rasoaveis hotéis por todas essas terras, alguns optimos, como este do Bom Jesus, que não inveja os bons das estações campestres dos arredores de Paris e Londres, e das estações de Alemanha, como o *Grande central*, do Porto, como o *Lealdade*, da Povoia de Varzim, como o *Quatro naciones*, de Vigo. Vastas casas, alegres, arejadas, bons quartos, rasoaveis e azeitadas camas, meza limpa, farta e variada, e menos mau serviço de criados.

Este aqui não pôde ser mais agradável, e a sua posição na montanha, ao pé do santuario, os formosos panoramas que d'aqui se disfrutam e a estação telegraphica no edificio offerecem todas as commodidades ao excursionista; é porisso o *rendez-vous* de muitas familias de todos os pontos da provincia, e do Porto e de Lisboa, sendo também a Cintra, o Harmondville, o Schwalbach de muitos noivos. *Il faut que chacun soi de son époque*. O Boa Vista está á altura da situação. A nossa chegada havia duas familias de Lisboa, duas do Porto, varios avulsos, e uns noivos.

Despachos ecclesiasticos.—Despachos effectuados por decretos de 26 de junho:

O presbytero Antonio Mendes de Abreu, parochó collado na igreja de S. Thiago Par de Ceia, na diocese de Coimbra—apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Graça de Bobadella, no concelho de Oliveira do Hospital, da mesma diocese.

Declarado sem effeito, a pedido do in-

teressado, o decreto de 30 de setembro ultimo, que apresentou o presbytero Francisco Mendes Barata, parochó collado na igreja de S. João Baptista de Cambas, diocese da Guarda, na igreja parochial de S. Matheus de Vinhaes Velho, da mesma diocese.

Declarado sem effeito, a pedido do interessado, o decreto de 20 de março ultimo, que apresentou o presbytero Marianno da Silva Correia, na igreja parochial de Nossa Senhora da Piedade de Odeseixe, no concelho de Lagos, diocese do Algarve.

Historia de uma conversão.—N'uma carta d'um missionario, em Yunnan (China), publicada nas «Missions Catholiques», lê-se:—Vi, em Ta-pin-tay, uma mahometana casada em segundas nupcias com o cathecista da christandade.

E' uma mulher d'uma piedade rarissima e cuja conversão é digna de se commemorar. Morava em Pienkiao e era casada com um mahometano que passava o seu tempo a espancal-a, a murmurar dos visinhos e a extorquir-lhes o seu pão de cada dia.

Ella, da sua parte, pagava com usura ao marido as pancadas que este lhe dava.

O interior d'esta casa era um puro inferno.

Um dia, a mulher encontra um christão que lhe recommenda a doçura e lhe pede que se converta.

Pouco tempo depois, converte-se no fim de dois mezes, e o missionario, julgando-a bem preparada e instruida, quer administrar-lhe o baptismo. A neophyta vacilla entre o desejo e o temor.

—Porque são esses medos? pergunta-lhe o missionario.

—Porque, se meu marido o sabe, mata-me com toda a certeza; com tudo, quero receber o baptismo e entrego-me nas mãos de Nosso Senhor.

O missionario baptiza-a e a nova christã volta modestamente para sua casa.

—D'onde vens? pergunta-lhe o marido.

—De casa dos christãos.

O marido pega n'um banco e maltrata-a sem piedade. A mulher, toda magoadada, diz-lhe com uma voz suavissima:

—Bate á tua vontade porque nem por isso te quero menos... Podes matar-me, porque te perdoo.

Admirado d'esta generosidade, o mahometano exclama:

—A que devo attribuir esta mudança tão repentina?

—Sou christã.

—Pois bem; também eu quero ser christão e seguir a mesma lei que tu segues. O musulmano foi baptizado e, poucos dias do seu baptismo morreu da peste que então grassava em Pienkiao.

A viuva casou com o cathecista de Ta-pin-tay e faz a edificação de toda a christandade.

Livingstone.—A cidade de Glasgow levantou um monumento a um dos seus mais heroicos fillos, o grande explorador africano, o dr. Livingstone.

Tanto chumbo!—Uma folha medica franceza, referindo as perdas dos francezes e piemontezes na batalha de Solferino—2.000 mortos e 10.000 feridos, acrescenta que os austriacos haviam disparado 8.400.000 tiros. D'este calculo resulta que, a 400 tiros de espingarda, cada um soldado ferido, e a 4.200, um morto. Uma bala não pesa mais de 30 grammas, foram portanto necessarios 136 kilogrammas de chumbo para matar um homem!

Portuguezes fallecidos.—De 29 de maio a 6 de junho, falleceram no Rio de Janeiro os seguintes subditos portuguezes:

Joaquim Bernardo Martins Caruncho, 63 annos, viuvo; Manuel de Azevedo Almeida, 44 a., c.; Narciso da Costa Guimarães, 45 a., s.; Manuel Baptista de Oliveira, 39 a., c.; Luiz Gonçalves, 46 a., c.; Arthur Frederico Monteiro Alves Cabral, 41 a., s.; Maria Balbina, 80 a., v.; João José de Mello, 58 a., v.; João José da Cunha Riper, 65 a., s.; Manuel José Carangueijo, 28 a., c.; José Bernardo Correia, 20 a., s.; Anna Ferreira dos Santos, 43 a., c.; Francisco Pereira de Pinho, 43 a., s.; Maria Ludovina Candida, 50 a., v.; Manuel Moraes da Silva, 84 a., v.; Antonio Ferreira Sotto Sobrinho, 29 a., s.; José Marinho, 37 a., c.; Antonio Duarte da Silva, 36 a., s.; Antonio Vieira Lage, 39 a., s.; Antonio Gonçalves Ferraz, 41 a., c.; Antonio da Silva Santos, 36 a., c.; José Tavares da Silva, 23 a., s.; José Pereira de Barros, 50 a., s.; Manuel Ignacio da Silva, 40 a., c.; José Maria Lopes, 56 a., s.; Ma-

ria Delphina, 30 a., c.; Bernardo Pereira Gomes, 30 a., s.; Antonio Moreira, 28 a., c.; Maria d'Almeida, 18 a., s.; Isabel Ignacia, 52 a., s.; José dos Santos Ferreira, 40 a., s.; Maria dos Anjos, 23 a., v.; Joaquim Martins Ferreira da Cruz, 61 a., v.

Total 33. Sendo 7 de febre amarella e os restantes de diversas enfermidades.

ULTIMAS NOTICIAS

Lisboa 30. — «Diario»:—Carta de lei: concedendo o prazo de 3 mezes para a revalidação de todos os documentos que não estejam devidamente sellados; e elevando o subsidio ao Monte-Pio official.

Officio do consul de Pernambuco narrando o assassinio de Bernardino Lopes, natural de Braga.

Institue para herdeiros seus irmãos residentes em Portugal.

Decreto licencendo as praças de pret e todos os que tiverem direito a baixa definitiva até 1883.

Na Bolsa venderam-se 5 obrigações do caminho de ferro do Minho de coupons a 885400; 13 contos em inscrições a 50,90; 3 ditos a 50,91; 2 ditos de coupons a 50,91.

A alfandega rendeu durante o mez findo a quantia de 259.312\$565 rs.

Lisboa, 1.—«Diario»:

Aberto concurso para as igrejas de Aguada de Baixo, Macinhata de Seixas, e Troviscal d'Angeja, na diocese de Aveiro; Cabeceiras, Carrasedo, Crasto, Eira, Escudeiros, Faiões, Figueiredo, Parada, Penho de Priscos, Ribeira, Salto, Santa Lucrecia, Semelhe, Venade, Villa Cova da Lixa, na diocese de Braga; Lourical na de Coimbra e Tougues da do Porto.

Na Bolsa venderam-se: 30 acções do Banco Lisboa e Açores a 885000 reis; 10 obrigações da Companhia das Aguas a 825300; 20 ditos mais a 825250; 9 ditos predias a 915300; 53 ditos do caminho de ferro do Minho e Douro a 855700; 5 contos em inscrições a 49,40; 11 ditos a 49,60; 13 ditos de coupons a 49,60.

A alfandega rendeu a quantia de reis 12.026\$690.

Paris 29.—Na camara dos deputados terminou a discussão da generalidade do projecto do sr. Ferry relativo á instrucção superior, resolvendo-se por 366 votos contra 150 passar a discussão á especialidade.

No senado realison se uma interpellação do sr. Gavardie, da direita, acerca dos pretendidos ataques contra a magistratura pelas numerosas demissões e transferencias. O sr. Le Royer respondeu que quer que a magistratura seja respeitavel e respeitada, e também respeitadora das instituições da republica. O senado approvou por grande maioria uma moção de confiança, auctorisando o ministro a faser respeitar as instituições republicanas pelos funcionarios publicos.

A manhã ha reunião bonapartista.

Segundo um telegramma publicado no «Temps», o governo inglez teria recebido um relatorio confidencial, que conserva secreto, sobre a morte do principe Napoleão.

Lord Chelmsford annunciou que procede a um inquerito para averiguar as circumstancias da morte do principe.

No dia 10 do corrente houve uma escaramuça entre os zulus e a cavallaria ingleza da qual foi morto um tenente.

Londres 29.—O «Observer» publica um telegramma de Buenos-Ayres annunciando que por tratado com o Chili a republica Argentina fica possuidora de toda a Patagonia.

S. Petersburgo, 28.—O ministro do interior ordenou varias medidas contra os agitadores vagabundos que procuram excitar as populações espalhando boatos da repartição de terras.

Paris 30.—Foram lidos o testamento do principe Luiz Napoleão e o codicillo annexo. Não tomou nenhuma resolução. Ferdinand Barrot e Murat foram incumbidos de ir a casa de Jeronymo Napoleão comunicar as disposições do testamento. O sr. Rouher declinou essa missão, declarando que desde a morte do principe Napoleão, se cingiu simplesmente a tomar nota da comunicação.

CORREIO

Barcellos.—Rev.^{mo} sr. padre Manoel Sebastião d'Almeida Peixoto Recebemos agradecido. Agora esperamos a relação.

Mancellos.—Rev.^{mo} sr. padre José

Victorino Pinto de Carvalho. Satisfizemos, como verá.

Arcos.—Snr. Manoel Marinho de Sousa Barros. Recebemos. Pelo correio escreveremos com extensão. Entretanto mil agradecimentos.

Tomar.—Snr. José Antonio Falcão. Recebido. Satisfaremos.

Famalicão.—Snr. Francisco José Monteiro da Silva. Cumprimos.

Melgaço.—Snr. Elias de Jesus Marques. Recebemos.

Ponte do Lima.—Antonio Joaquim da Costa e Sousa. Tudo recebido. Mil agradecimentos por tanto zelo e actividade.

RECLAMOS

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despesas, com o uso da deliciosa fariinha de saúde,

REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

3 Combatendo as indigestões (dispepsia) gastrica, gastralgia, flatos, amargor na bocca, pituitas, náuseas, vomitos, irritações intestinaes, bexigas, diarréa, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabethes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da bexiga, do fígado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85.000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow, da exm.^a sr.^a marquesa de Brehan, de Lord Stuart de Decies, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, etc., etc.

Cura n.º 63:476.—Mr. Comparet, cura, de dezoito annos de gastralgia, de soffrimentos d'estomago, dos nervos, fraqueza e suores nocturnos.

Cura n.º 74:422.—Prostração.—Baldwin, da mais completa decadencia de saúde, de paralyia dos membros por effeito e excessos da mocidade.

Cura n.º 76:448.—Verdum, 16 de janeiro de 1872.—Havia cinco annos que soffria graves incommodos no lado direito e na cavidade do estomago, más digestões etc. Não hesito em certificar que a sua **Revalescière** me salvou a vida.—ERNESTO CATTÉ, musico do 63 de linha.

Cura n.º 62:986.—M.^{te} Martin, do amenorrhea. Suppressão de menstruação e dança de São Guido, declarada incuravel, perfeitamente curada pela **Revalescière**.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a península:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1.400 reis; de 2 1/2 kilos, 3.200 reis; de 6 kilos, 6.400; e de 12 kilos, 12.800 rs.

Os biscoitos da **Revalescière** que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1.400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a **Revalescière chocolateada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1.400; de 120 chavenas, 3.200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & C.^a LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris. 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; snr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—**Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MI-NHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa-pharm.—Barcellos, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vianna do Cas-

tello, Affonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Rainha, 29 e 33.—Pontevedra, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desirè Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.^a, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 223 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Póvoa do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa de Conde, A. L. Maia Torr s, pharm.

ANNUNCIOS

Vende-se em uma das principaes ruas d'esta cidade uma boa morada de casas, acabada ha poucos annos de construir: tem bons commodos e boas sallas, poço com muito boa agua e um grande quintal. Quem a pretender comprar deixe carta n'esta redacção para ser procurado, com as iniciais M. A. C. (2476)

EDITAL

Eduardo Tavares, primeiro official do Ministerio da Fazenda, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Commendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Cavalleiro das ordens de S. Mauricio e S. Lazaro do Reino de Italia, e de Isabel a Catholica do Reino de Hespanha, membro de diversos institutos litterarios nacionaes e estrangeiros, e Delegado do Thesouro no districto de Braga por sua Magestade El-Rei que Deus Guarde.

Faço saber que no «Diario do Governo» de 30 de junho proximo passado foi publicada a seguinte lei, sobre a qual chamo a attenção de todos aquelles a quem ella posa aproveitar n'este districto.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA

Gabinete do Ministro

Dom Luiz, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc.—Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram, e nós queremos a lei seguinte:

ARTIGO 1.º

E' concedido o praso de tres mezes para a revalidação, nos termos do artigo 10 e seus §§ da lei de 2 de abril de 1873, de todos os documentos, titulos, livros e papeis de qualquer natureza que á data da presente lei se não achem devidamente sellados.

§ unico. A disposição d'esta lei começará a ter effeito desde a sua publicação no «Diario do Governo».

ARTIGO 2.º

Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Paço em 23 de junho de 1879.—EL-REI, com rubrica e guarda—Henrique de Barros Gomes (Logar do sello grande das armas reaes).

Repartição de Fazenda do Districto de Braga em 1 de julho de 1879.

O Delegado do Thesouro

(2481)

Eduardo Tavares.

VENDE-SE a casa da rua do Anjo n.º 11 e 11 A. Quem a pretender dirija-se á rua de D. Pedor n.º 1. (2423)

TABACARIA BRACARENSE

27—RUA DO SOUTO—27

BRAGA

Novo sortimento de rapé barato

Sêcco meio-grosso em	250 gr.	260 rs.
Vinagrinho		
Meio-grosso Rosa		
Vinagrinho em	25	25 rs.
Meio-grosso em	250	240 rs.

(2482)

DINHEIRO A JURO

Na irmandade de Nossa Senhora d'A-juda de S. Sebastião das Carvalheiras, ha 650.000 reis para dar a juro de 5 por cento.

O secretario

(2479) Bernardo José Fernandes Carneiro.

EDITOS DE 30 DIAS.

Pelo juizo de direito da comarca de Braga, e cartorio de Ribeiro, correm editos de 30 dias, citando e chamando todas as pessoas incertas e residentes fóra da comarca, que se queiram oppor á justificação que Antonio Teixeira Pinto e irmão Ignacio Teixeira Pinto, solteiros de maior idade, naturaes e residentes na freguezia de Nossa Senhora da Expectação de Santa Maria de Emeres, comarca de Val Passos, passaram por este juizo e cartorio do dito escrivão, para se julgarem habilitados como unicos e universaes herdeiros de seu tio Manoel Teixeira Pinto, fallecido n'esta mesma cidade no estado de solteiro;—por tanto todas as pessoas que pretenderem fazer tal opposição deverão comparecer na segunda audiencia d'este juizo, findo que seja o praso d'estes editos, que começará a correr desde a publicação do segundo annuncio da folha official, afim de verem accusar a citação, installar acção, e marcar-se-lhes o praso de tres audiencias para contestar querendo, qualquer direito que lhes assista, sob pena de revelia e lançamento, e de se seguirem todos os mais termos até final; declarando que as audiencias n'este juizo se fazem todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dia santificado ou feriado, porque sendo-o serão no immediato não santificado ou feriado, no tribunal judicial, sito no largo de Santo Agostinho, d'esta mesma cidade.

Braga 1 de julho de 1879.

O escrivão

João Marcos de Araujo Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

(2480) A. Carneiro de Sampaio.

TABACARIA BRACARENSE

27—RUA DO SOUTO—27

BRAGA

Deposito de tabacos das melhores fabricas nacionaes. Descontos vantajosos aos snrs. estaqueiros.

Deposito de charutos estrangeiros da Casa Havaneza de Lisboa. (2483)



Manoel de Ramos Braga representante do acreditado commerciante de Villa Nova de Gaia o snr. Joaquim Coelho Bragante, tem a honra de annunciar aos seus freguezes e amigos que abriu o seu deposito de vinhos no largo de S. Francisco n.º 13 A, onde poderão encontrar os vinhos propriamente genuinos do Porto. Previne os seus freguezes que todos os bilhetes das garrafas são rubricados, tendo na rolha a marca de fogo—BRAGANTE—e o carimbo em lacre.

O proprietario responsabilisa-se pela pureza dos seus vinhos dos quaes garante a sua qualidade. (2478)

DINHEIRO A JURO

Dá-se na confraria de N. Senhora da Boa Memoria da Sé Primaz 260.000 reis a juro de 5 p. c. (2477)

CASAS

Arrendam-se duas, na rua das Aguas n.ºs 100 e 101. Tem bons commodos. Tratam-se na rua de S. Vicente n.º 56 (2475)

DECLARAÇÃO.

Antonio Lobo de Sousa Carvalho, natural de Cabeceiras de Basto, e residente na rua de S. Marcos, d'esta cidade, declara, para todos os effeitos, que não paga divida alguma que seus filhos tenham contraído até hoje ou a que por ventura contraíam de ora em diante.

Braga, 21 de junho de 1879. (2473)

ARRENDAMENTO

Uma casa na rua da Boa Vista n.º 116; tem bons commodos, quintal, agua limpa com pia para lavar roupa, tirada por bomba de ferro Para tratar na mesma rua n.º 113. (2470)

BILHETES DE VISITA

COM NITIDEZ E PERFEIÇÃO

100 por minuto a 500 rs.

Enviam-se pelo correio, francos de porte sem augmento de preço.

APPARICIO & MALHEIRO

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27.

Bilhetes de visita em branco:

Cento, 200, 220 e 240 reis.

Tarjados de preto:

Cento, 400, 420 e 440 rs.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

LIVROS DE MISSA

Com capas de marfim, Ebano, madreperola, massa e veludo.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

APPARICIO & MALHEIRO

BRAGA

DINHEIRO A JURO

A confraria de Santo Antonio da Praça Municipal tem 650.000 reis para mutuar, a 5 p. c. (2461)

Fabrica de papel de Ruões

Papel de impressão e de embrulhos de diferentes marcas e preços.

DEPOSITO EM BRAGA

Tabacaria Bracarense

—27, Rua do Souto 27— (2340)

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Gualdim d'esta cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre penhores todos os dias desde as 8 horas da manhã até ás 9 da noite na mesma caixa.

Vende-se roupas.

Pede-se a todos os mutuarios que tiverem objectos empenhados na mesma caixa com atrazo de juros de tres mezes os venham pagar ou resgatar, senão serão vendidos.

AOS PROPRIETARIOS DOS HOTEIS E HOSPEDARIAS

Na Typographia Lusitana, rua Nova n.º 4, vende-se participações das que as hospedarias tem obrigação de entregar todos os dias na repartição policial, e segundo o modelo do regulamento das hospedarias.

Cada 100 exemplares 600 rs.

Avulso 10 rs.

CASA

Arrenda-se uma na rua de S. Geraldo n.º 18. Trata-se no campo de Sant'Anna, n.º 68. (2298)

RESPONSÁVEL—Luiz Baptista da Silva

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879